



35 - ARGOS VASCONCELOS

ARGOS VASCONCELOS

Antônio ARGOS Ponte de VASCONCELOS, filho de Manoel Messias de Vasconcelos e de Maria Juracy Ponte de Vasconcelos, nasceu em Mondubim, distrito de Fortaleza, no dia 28 de junho de 1927. Tendo feito o curso primário no Colégio Castelo Branco, dirigido pelo prof. Silas Ribeiro (de 1933 a 1936), o curso secundário no Liceu do Ceará, ao tempo sob a direção do prof. Otávio Farias (de 1937 a 1942), o curso colegial no Colégio São João, dirigido pelo prof. Odilon Braveza (em 1943 e 1944), ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, em Pernambuco, na qual se diplomou em dezembro de 1951. De regresso à terra natal, tem desempenhado suas atividades médicas, no setor da cirurgia ginecológica, sua especialidade, em diversos hospitais: na Assitência Municipal de Fortaleza (atual Instituto Dr. José Frota), de 1952 a 65; no Pronto Socorro Particular de Fortaleza, de 1956 a 67; no Hospital Geral de Fortaleza (INAMPS), de 1969 a 1985; na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, de 1952 até os dias de hoje; no Serviço Médico do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), de 1964 a 1989. Na Santa Casa, tem sido Chefe da Clínica Cirúrgica, Diretor Clínico, Mordomo da Irmandade e Vice-Provedor. Segundo informa Raimundo Girão, ministrou durante quatro anos aulas sobre Sexo e Casamento, como professor voluntário do Curso para Noivos, cooperando com os trabalhos da Arquidiocese de Fortaleza no setor de orientação para o matrimônio. Entre as distinções e condecorações que tem recebido, podemos citar Placa de Prata do Ministério da Aeronáutica (Base Aérea de Fortaleza), pelos trabalhos médicos realizados no Ceará; Placa de Prata com friso dourado da Jornada Cearense de Ginecologia e Obstetrícia, pelos serviços prestados à Toco-Ginecologia no Estado; a Placa da Campanha Nacional das Escolas Comunitárias, e várias outras, inclusive Medalhão e Diploma do Rotary

Internacional. Obras publicadas: Juventude — Participação e Serviço (1977), conferência; Marechais de Napoleão (1981), Batalhas de Napoleão (1984), Marechais de Hitler (1989) e Encouraçados e Cruzadores do III Reich (1991). Tratando de um de seus livros sobre Bonaparte, disse Hélio Melo: "Sente-se logo, nas primeiras páginas, que se trata de trabalho sério, de acuradas investigações históricas e, sobretudo, por quem conhece sobejamente a vida de Napoleão e de todos os seus ajudantes militares. É assunto que conhece de cátedra, relatando, com riqueza de informações, os fatos e pormenores bélicos que envolveram e fizeram a vida do Grande Corso. Sua obra que, estou certo, será bem vista aos olhos severos da crítica, veio enriquecer a galeria de publicações sobre a gloriosa França e a própria história universal." — Argos Vasconcelos faleceu em Fortaleza, no dia 25 de abril de 1994.

NAPOLEÃO, O SOLDADO DESCONHECIDO

"Os homens de gênio são meteoros destinados a arder para iluminar o seu século!"

Napoleão

Napoleão! Figura empolgante e desconhecida. Depois de Cristo e de Buda foi a personalidade que mais recebeu a atenção dos historiadores e dos comentaristas, dos pesquisadores e dos biógrafos. Mais de 80 mil obras a ele foram dedicadas, tendo Kircheinsen conseguido reunir aproximadamente 200 mil fichas. Nem por isto o véu que encobre sua genial figura ficou descerrado... Como enfatizou Merejakovsky, estas milhares de obras são, verdadeiramente, milhares de pedras tumulares... e, por baixo, o soldado desconhecido! Na expressão de Chateaubriand, Napoleão, "o mais poderoso sopro de vida que animou a argila humana", é um resumo do mundo! Escreu Goethe que a "lenda napoleônica é como a revelação de São João. Cada qual pressente que há mais alguma coisa oculta, mas ninguém sabe o quê! Sua vida foi a vida de um semideus. Pode dizer-se que para ele a luz que ilumina o espírito não se apagou um só instante; eis porque seu destino teve esse esplendor que o mundo não vira antes dele e, talvez, não mais veja depois dele!" Taine, o grande crítico e poeta francês, acrescentaria: "Majestoso em tudo, não há como pô-lo em fileira, ou sujeitá-lo a uma dada moldura. Por seu temperamento, seus instintos, sua imaginação, suas paixões, sua moral, parece composto de outro metal que não o de seus concidadãos e contemporâneos." Outro historiador escreveria: "Napoleão não foi apenas um guerreiro, um imperador e um estadista, mas o último deus que baixou do Olimpo para viver com os homens sobre a terra."

Em Santa Helena, em momento de grandiosa alucinação o Imperador exclamou que "milhares de séculos decorrerão antes que as circunstâncias acumuladas sobre mim possam arrancar outro da turba para reproduzir o mesmo espetáculo!" Mais adiante, explicando o fanatismo desenvolvido entre os soldados por sua pessoa, afirmou com segurança: "O caso é que eu passava por um

homem terrível em vossos salões, entre os oficiais e mesmo entre os generais, mas não entre os soldados; tinham eles o instinto da verdade, da simpatia. Sabiam-me ser o protetor e, se necessário, o vingador de todos eles." Realmente, empolgados por sua magia, fascinados pela exaltação da glória que sabiam nele encontrar, os velhos "grognards" seguiam-no impetuosamente qual descomunal e incontrolável caudal, comparável tão somente ao imenso clarão que marca a passagem dos meteoros. Anteviam, assim, extasiados, numa visão magnífica do porvir, o halo da vitória que haveria de coroar suas deslumbrantes façanhas, fazendo enfeixar em torno de si as maiores glórias e despertar em seu derredor as hosanas da Pátria agradecida! Por isso é que os soldados o acompanharam como jamais o fizeram atrás de qualquer outro desde há dois mil anos. Seguiram-no para além dos mares e dos rios, por montes e vales, das Pirâmides a Moscou. E marchariam para mais longe, até os confins da terra, se ele os quisesse conduzir! Marchavam suportando indizíveis sofrimentos — a sede, a fome, o frio, o calor, as doenças, as feridas, a morte — e sentiam-se felizes, asseverou Las Cases no "Memorial de Santa Helena". A célebre frase atribuída aos velhos granadeiros, velhos bigodudos de 80 batalhas: "Eles resmungam, mas o seguem sempre..." é bem um reflexo real do nobre fanatismo de que os soldados estavam possuídos por Napoleão. A um seu brado, no fogo de combate vertiam a última gota de sangue gritando "Viva o Imperador!" A fidelidade cega e inabalável que eles devotavam à sua causa, à sua pessoa, sempre foi uma constante. Desde os Alpes escarpados da Itália até as estepes geladas da Rússia, passando pelas areias escaldantes do Egito, os orgulhosos soldados da Velha Guarda com seus penachos coloridos e suas barretinas imaculadamente reluzentes sempre se constituíam em fatores ponderáveis de vitórias. Em Arcole, ao fogo da metralha, Muiron deu a vida para salvá-lo. Em São João d'Acre dois guias o cobriram com seus corpos para protegê-lo da explosão de uma bomba. Em Austerlitz, como presente de aniversário de coroação, os soldados suplicaram-lhe permanecer longe da linha de fogo, que os comandasse apenas com os olhos... Um poeta alemão portando-se à altura da lenda — e o que não é lendário na Epopéia? — descreveu que um granadeiro francês ao voltar do cativo na Rússia após a malograda campanha de 1812, pediu que o sepultassem, quando morresse, em solo Pátrio. "Permanecerei em meu túmulo como um

sentinela até que ouça troar o canhão e relincharem os cavalhos ao galope. É que meu Imperador estará passando sobre minha cova por entre os tinidos das couraças e os relâmpagos das espadas. Sairei, então, de meu esquife para ir defender o Imperador, o meu Imperador!" Na Rússia, no inferno gelado do Berezina, a 20 graus abaixo de zero, um velho granadeiro respondeu a Napoleão: "Frio, meu Imperador? Basta vos ver para me sentir aquecido!" Era o Sol de Austerlitz que ainda reluzia com intensidade... Em Waterloo, os heróicos soldados caminhavam serenos e impávidos de encontro à morte como se fosse numa parada de gala. E Cambronne, pronunciando a célebre palavra transcrita para a História na maravilhosa frase "La Gard meurt, et ne se rend pas!..." não foi, senão, um brado de exaltação ao homem da legenda imortal!

§ § § § §

Teria sido Napoleão o mais lúcido talento militar que o mundo conhece? Enfileirados neste quadro encontram-se Alexandre, Aníbal e César. Vitorioso por sua exuberante coragem e inegável arrojo pessoal, Alexandre muito deixa a desejar como estrategista. Já em Aníbal, brilhante e insuperável no campo de batalha, sua faceta política foi das mais medíocres, opacificando, em alguns momentos, sua trajetória pelas páginas da História. E César, admirável nas confabulações diplomáticas, excepcional e insuperável quando se faziam necessárias súbitas adaptações, pecava excessivamente ao afastar-se do planejamento estratégico e tático, provando com isto erros grosseiros nos campos de batalha. Em Napoleão sobravam todas essas virtudes e nele não se fazia sentir a maioria dos defeitos.

No Imperador francês a eloqüência marcial, pautada pelo brilho empregado nas palavras, pela concisão dos termos e pela identificação com o desejo dos soldados, eletrizava o ânimo de suas falanges, conduzindo-as para além do máximo esperado. Ora insensível, ele menosprezava os marechais pela diminuta percepção que muitos deles — improvisados pela necessidade política — possuíam sobre psicologia humana. Logo após, emocionado, os beijava quando colhiam grandes vitórias, enaltecendo-os pelo ardor com que sabiam se conduzir nas culminâncias das batalhas. Dentro da concepção analítica da arte militar, Napoleão surge como um divisor de águas. Por seu inexecedível poder de decisão,

acerto nas manobras, rapidez no desenvolvimento das campanhas e olhar de águia, captando todas as minúcias necessárias para a condução vitoriosa da guerra, com ele um novo capítulo foi aberto. Sempre vislumbrando condições favoráveis na arte bélica, por suas ações inovadoras ele "multiplicou massa por velocidade" tanto no campo tático como no estratégico, com isto tornando superior suas manobras. Aumentando a cadência das tropas em marcha para 120 passos por minuto, enquanto os adversários permaneciam nos ortodos 70 passos, muito contribuiu para que os soldados efetuassem rápidos deslocamentos, surpreendendo o inimigo com sua presença temível e inesperada. A manobra de um bem caracterizou este fato. Modernizando as regras da guerra, o militar francês organizou o exército em divisões tornando-as partes autônomas, as quais, mesmo operando separadamente, podiam ser conjugadas sobre um objetivo comum. Além de tais fatores, todos eles mudando decisivamente a feição da arte militar, a diminuição da carga a ser transportada pelos soldados muito haveria de contribuir para aumentar a mobilidade das colunas, permitindo um deslocamento fácil em terrenos praticamente intransitáveis. A travessia do Monte São Bernardo, do Deserto da Líbia e das estepes russas, foram resultantes concretos dessa determinação. Outra particularidade favorável ao Grande Corso foi o desenvolvimento, com precisão, da "dispersão planejada das forças" como meio de levar o inimigo a desfazer sua concentração, facilitando, com isto, a consecução da superioridade necessária no momento propício. Acrescentando mais ângulos favoráveis, o grande estrategista criou "planos com alternativas", bem como manobras de operação em um sentido direcional que pudesse ameaçar diversos objetivos ao mesmo tempo. Todas estas conceituações somadas vieram dar um sentido diferente à arte da guerra. E um novo capítulo foi aberto.

§ § § § §

Napoleão foi insigne em todas as armas. Mas, especialmente a artilharia com ele tomou vulto inusitado. Nos seus exércitos pontificaram notáveis artilheiros, como Marmont, Drouot, Sorbier, Senarmont, Lariboisière, que escreveram páginas épicas nos campos da Europa. No entanto, acima de todo estes militares, o "Petit Caporal" se sobressaía pela justeza de movimentos e pelo

arrojo de suas manobras. Na época, a artilharia era uma arma bastante débil, principalmente para alvos de longa distância, quando seu poder de fogo tornava-se de pouca rentabilidade. Para suprir tal deficiência, Napoleão fez reunir os canhões em "grandes baterias" para, após, aproximá-las o mais possível de seus objetivos. Então, elas entravam em ação de maneira fulminante. Esta tática fez-se sentir com superioridade nas batalhas de Austerlitz, Eylau, Friedland e Wagram, nomes que aureolam com definição o talento guerreiro do militar francês.

Original fornecido pelo autor.